



EDITORIAL

Dinâmicas religiosas e políticas: novos atores, novos contextos

Religious and political dynamics: new actors, new contexts

*Eulálio Avelino Pereira Figueira**
*Luís M. Figueiredo Rodrigues***

As novas dinâmicas entre religião e política, sobretudo na Europa e América do Sul, realizam transformações significativas e abrem espaço para o surgimento de novos atores e de novos contextos. Este fenómeno evidencia-se, sobretudo, com o incremento da diversidade religiosa – quer a que já se encontrava no território, quer a que é potenciada pelos fortes fluxos migratórios.

Observamos que a questão religiosa, na organização e composição das sociedades que tiveram presença de eventos migratórios, deve ser considerada de importância relevante, por demarcar e promover relações entre diferentes grupos humanos. Esses eventos ganham relevante importância uma vez que são eles constituintes de tais sociedades. As migrações terão impacto na organização social dessas sociedades, como formação cultural, religiosa e económica, o que produzirá impacto nas estruturas organizacionais dessas sociedades, sejam relações estéticas e morais, quanto políticas e religiosas, onde efetivamente política e religião ganham destaque e importância na identificação e compreensão dos modos e dos acordos entre os grupos diversos que compõem essas sociedades.

Há ainda a ressaltar que, decorrente da nova ordem mundial – fato que deve ser observado em razão dos resultados desencadeados por fenómenos como globalização, secularização e a atual influência das novas tecnologias da comunicação e da informação, potencializadas pela rede mundial de computadores –, as novas configurações alcançam territórios, muitas vezes, muito além dos “muros fronteiriços” que geográfica e politicamente costumavam circunscrever os acontecimentos e problemas das sociedades

* Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0003-2441-3144 – contato: efigueira@pucsp.br

** Doutor em Teologia (UCP, Portugal). ORCID: 0000-0002-6949-565X – contato: figueiredorodrigues@arquiocese-braga.pt

particulares. Se, por um lado, hoje o planeta está interligado – o que pode caminhar para respostas mais efetivas na condução de problemas – , por outro lado, os problemas podem se agudizar e o que não seria um problema em determinada realidade, pode ser implantado nessa nova realidade social.

Concomitantemente, pode observar-se a ressurgência de movimentos religiosos conservadores e fundamentalistas, em busca de uma maior influência na esfera pública. A este dado acrescenta-se a ascensão de partidos e movimentos políticos conotados como de extrema-direita. Estes têm a característica de, aparentemente, se aliarem com setores religiosos conservadores e utilizarem as causas identitárias e morais como fator de mobilização do eleitorado. Por outro lado, há que considerar o fenómeno da secularização, que se manifesta pela diminuição das práticas religiosas tradicionais, especialmente entre os jovens. Fenômeno este que leva a refletir sobre o papel da religião na esfera pública e nos processos políticos. No entanto, também a religião sofrerá interferência do político em suas estruturas e práticas. Assim, o que a secularização tanto se esforçou para garantir, a necessária separação Estado e Igreja, política e religião, público e privado, bases fundamentais para o processo de garantia da democracia, se não fica anulado, produz um certo ar de que algo não vai bem, que a democracia talvez não seja um desejo humano.

Efetivamente, na contramão da profecia secularizante que anunciava o fim da religião, esta não se esconde, tão pouco saiu de cena. Porém pode-se afirmar que algo mudou. Mudou na relação que se estabeleceu entre religião e mundo, entre fé e razão, entre poder do Estado e poder Espiritual. Se Deus não saiu do cenário, fato é que há uma nova realidade que vai impactar no mundo que surge do processo da secularização. Fato é que Deus deixou de ser a única explicação e justificativa de tudo e mesmo para quem segue acreditando em sua existência, sem dúvida ele não é a única hipótese e nem talvez a mais derradeira e primordial. Fato é que Deus não saiu da cena nem dos horizontes de uma parte considerável da população, seja esta jovem, ou adulta.

Levando em conta a articulação “religião, política e movimentos” (que surgem desta moldagem entre a política e a religião), não podemos deixar fora desta referenciação, movimentos surgidos ao final do século XIX, nomeadamente nos Estados Unidos da América, movimentos surgidos no apogeu da modernidade e do cientificismo, que serão os movimentos fundamentalistas. Estes movimentos, no contexto da época, produzem respostas e funcionam muito similarmente ao que os movimentos (que se apresentam com características muito similares aqueles do século XIX) que observamos surgir nestes últimos anos pós-pandemia. Movimentos que vemos surgir a cada evento político, de forma ruidosa e volumosa (de meios e pessoas), no cenário das sociedades contemporâneas.

Uma abordagem fenomenológica das “religiões” ou “fenómenos religiosos” permite percebê-los como algo especificamente humano, presente numa pluralidade de manifestações históricas, que têm em comum o facto de estarem inscritas no âmbito da realidade designada como “sagrada”. Possuem um sistema de expressões organizadas, através das quais se expressava a experiência peculiar de reconhecimento, adoração, e entrega a uma realidade transcendente, ao mesmo tempo constitutiva, peculiar ao humano e a seu mundo, necessária para explicar e compreender quem é este bípode

sem penas, a quem a vida exige que tenha respostas além do simples existir, diante de tal fato se faz necessária a referência a algo superior que este mesmo bípede sem penas julga existir e diante de tal ser se sente devedor.

Hoje, o âmbito do “religioso”, pelo menos na velha Europa e América do Sul, metamorfoseou-se, como o demonstra o dossiê que compõem este trabalho. Embora os grandes mitos fundadores, que se mantinham como repositórios de identidades civilizacionais, tenham visto o seu lugar quase totalmente ameaçado, o ser-humano continua a perceber-se mitologicamente. Por isso, procura-se novas narrativas, ou cria-se outras, porque os “mitos” — que contam o início do princípio e o fim do fim —, colocam cada sujeito no centro da narrativa em curso, dando-lhe um papel a desempenhar: são as cartas identitárias das grandes civilizações, fontes vivas de valores e até de sentimentos.

Entre várias análises, reflexões e informações que este dossier tem como intuito oferecer aos leitores, pretendemos, como organizadores do trabalho, seguindo certas intuições provocadas pelos artigos, colocar uma pequena semente de problematização. Questão que o leitor pode, no percurso da leitura, constatar ou simplesmente descartar. Trata-se precisamente de usar como linha de leitura a questão se as sociedades modernas, ou como alguns preferem referir, sociedades da modernidade tardia, efetivamente, terão abandonado a velha narrativa mítica, ou terão essas sociedades reformatado, como que num resgate, transferido para seu tempo, a mesma lógica do mito, ou quem sabe, criando novas narrativas míticas. A questão nos fará sem dúvida voltar ao velho e atormentado Sísifo de não conseguirmos nos desprender de nossas insuficiências e nossas destinações, resultados de nossas decisões, seguirmos a sina de empurar a pedra de nossa existência toda vez que ela alça o cimo da montanha.

Coloca-se então a interrogação: aquelas grandes mitologias, próprias das civilizações antigas, tornaram-se obsoletas? Línguas mortas que se observam à distância, talvez com algum interesse folclórico, mas que já não são os cenários onde os cidadãos das estradas de comunicação asfaltada com silício narram as suas vidas ou, se o fazem, é após as submeterem a um profundo esforço interpretativo? Pois a realidade virtual, a cultura digital e todos seus produtos não deixam de estar eivados de expressões e de respostas míticas. Precisamente por se tratar de construções humanas que se dirigem ao grande problema do humano: o que fazer diante do desconhecido? É preciso “navegar”, não se pode ficar sentado na beira da estrada aguardando as respostas cair do céu, até porque o tal céu pode ser que tenha caído sobre nossas cabeças, tal qual mito de Asterix. O que responder diante da alienação da aceleração social, cultural e econômica que este mundo novo, não só resultado da internet, mas que se revela como caminho inevitável diante dos destinos postos pelos humanos? Caminho que exige de todas as humanidades respostas adequadas e precisas de modo que viver seja preciso.

O ser-humano continua a viver mitologicamente, isto é, a desejar ser este homem ou aquela mulher, de acordo com critérios éticos, estéticos e econômicos, ou seja, de acordo com uma certa narrativa identitária. Daí que, perante o denominado declínio das religiões, se continue a ver, de modo incrementado, um gigantesco processo de transformação e adaptação do religioso como dimensão privada e da religião como fator

institucional a uma profunda metamorfose da situação sociocultural.

Os dois principais fatores de mudança são: o triunfo dos meios de comunicação de massas e da sociedade de consumo, e os processos de globalização que estão a alterar profundamente a própria face da religião. Verifica-se, por um lado, a existência de grupos com uma clara identidade religiosa que se esforçam, até ao limite, por manter viva a sua fé, elaborando processos de adaptação, de resistência e de mudança. Mas, por outro, observam, também, números infindáveis de indivíduos que vão surfando as ondas que lhe são oferecidas, perccionadas através do culto do bem-estar e do imperativo do desenvolvimento pessoal. O “religioso” vê-se, agora, decomposto indefinidamente, em direção a uma tensão mítica essencial e irreduzível, o núcleo mitológico com o qual a cultura das sociedades industriais avançadas é alimentada. O ser-humano continua a dizer-se através da narrativa mitológica, construindo a sua identidade na medida em que se insere, se torna ator, na sua narrativa identitária.

Estamos, em certa medida, dentro de uma abordagem “utópica” da realidade. A reflexão sobre a relação entre utopia e pós-modernidade é estimulante e pode ser muito enriquecedora, desde logo porque a modernidade é marcada por uma busca constante de progresso e emancipação, percebidas, em certo sentido, como uma visão utópica que norteia os indivíduos, mas que, paradoxalmente, foi hipostasiada.

Terão efetivamente as utopias saído de cena? Terá passado algum “vento” que as expulsou do alcance da vista e dos territórios do pensamento humano? Parece-nos que não. Vale a pena, pelo menos metodologicamente, colocar a possibilidade de que a Utopia terá sido sequestrada, ou em outra abordagem, hipostasiada. Quem sabe se admitir que ela foi “mascarada” por algo que não pode ser utopia, mas que assim é apresentada.

Na viragem do século XIX para o século XX surgiram essencialmente três respostas para solucionar os problemas do mundo: Comunismo, Nazismo e Neoliberalismo. Embora não se assumam como utópicos, caracterizam-se por serem projetos de emancipação, que comportam uma visão idealizada da sociedade, que busca alcançar um estado perfeito ou ideal. Esses projetos geralmente propõem mudanças significativas e transformadoras, com o objetivo de criar um mundo melhor, mais justo e mais igualitário. Mercê das vicissitudes do século XX, estas utopias acabam por ser percebidas como distopias. Sem dúvida, não podem ser aceites como utopias, porque não seguem a lógica incontestável da utopia, que é a exigência da crítica, o que fará do humano alguém insatisfeito, aquele que o coloca para fora do mundo. A distopia se faz na proteção da ausência da crítica, na tranquilidade da satisfação. Caberá ao diálogo política e religião, promovido pela ciência política e pela ciência da religião, com a contribuição de outras ciências que tem interesse no objeto daquele diálogo, contribuir para a efetividade de resultados que contribuam para o entendimento e a paz entre os povos, para a paz entre as nações.

Esperamos que este dossiê, resultado de contribuições valiosas, ofereça a você leitor chaves de reflexão e análise para se observar e compreender a importante relação, nem sempre amena, entre o religioso e o político.